

É com muito prazer que se anuncia o quarto número da Revista ***PHILOROSAE***, do Centro de Estudos de Cultura e Artes da Universidade Nacional Timor Lorosa'e. Esta revista foi criada com o objetivo de promover as sinergias entre a filosofia ocidental e a oriental, promover a epistemologia de saberes, e fomentar as pontes de compreensão filosófica e intercultural entre as pessoas, os países e os hemisférios.

Para o ano de 2025, a Revista *Philorosaê* teve como tema ***Que Educação?***, tendo acolhido sete artigos em língua portuguesa que traduzem a natureza multilateral da educação. Todos estes textos apresentam diferentes contribuições e perspectivas da educação para o mundo e para países específicos, sobretudo aqueles que se encontram no seio da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP).

Desde que existe o ser humano, existe a educação. A educação sempre foi uma das grandes preocupações da humanidade. Pensar na educação é pensar no ser humano, naquilo que ele é, no que se tornou, no que pode e no que deseja ser. Por isso, uma das grandes preocupações da filosofia é a educação.

Solicitou-se aos interessados apresentarem textos sobre a necessidade da educação com base nas várias idiossincrasias e realidades, desde o hemisfério sul ao hemisfério norte, do norte ao sul da Europa, da América do Norte à América do Sul, do Médio Oriente aos países asiáticos, do modelo educativo de determinada escola privada situada nos subúrbios de Quioto aos exemplos dos modelos das escolas públicas básicas e secundárias situadas em Helsínquia ou em Macau. Pretendeu-se textos teóricos sobre a filosofia da educação ou com uma abordagem científica sobre a educação e também exemplos práticos de modelos de educação atuais funcionais e não funcionais, tendo em conta os seus contextos e ecossistemas sociais, culturais, económicos e políticos.

O primeiro artigo, da Célia Oliveira, intitulado ***O Ensino da Competência da Leitura***, do âmbito da didática da língua portuguesa como língua estrangeira/ segunda/ de herança, remete-nos para a importância da leitura

e para uma prática fundamental que não se pode perder, independentemente dos modelos educativos que sejam implementados no futuro. Considera a autora que a “leitura, no processo de ensino e aprendizagem, contribui para o desenvolvimento da competência linguística do aluno, para além de lhe proporcionar uma visão do mundo enriquecida, através da exploração de ambientes culturais e linguísticos diversos”, compreendendo-se que, através da leitura, não só o aluno adquire competências fundamentais que visam o desenvolvimento da componente cognitiva, linguística e emocional, como também a leitura promove e estimula a abertura mental e concetual, o descerramento de novos mundos e, principalmente, a autonomia do estudante, que é fundamental para a aquisição de outras competências extraordinárias que promovem o alargamento do ser humano para o máximo das suas capacidades, nomeadamente o autodidatismo, a investigação autónoma, a fruição estética e o pensamento crítico.

A autora considera que a escola tem sérias responsabilidades em “promover o ensino da leitura ao aluno, para que este se transforme num leitor fluente e eferente, tornando-se cada vez mais autónomo” e, para tal, os programas deverão estar orientados para que os professores possam trabalhar a competência da leitura através de “uma prática efetiva da leitura ao longo dos diferentes anos letivos, de maneira que este treino se torne cada vez mais apurado, criando uma dialética entre o leitor e a sua leitura”. É caso para dizer que o facto de os alunos não saberem ler se constitui como uma falha do sistema de ensino atual e que o facilitismo do sistema atual do ensino ocidental está a fazer com que cada vez mais os jovens sintam mais dificuldades em adquirir competências elementares como a leitura e escrita. A autora, preocupada com esta situação, apresenta estratégias para estimular a prática da leitura e, consequentemente, o desenvolvimento da escrita.

Na sequência destas competências elementares que se têm vindo a perder na escola tradicional clássica, o segundo artigo, pertencente ao autor Artur Manso com o tema ***O Lugar do Sensível na Educação do Futuro***, de teor universal e no âmbito da filosofia da educação, propõe rever as finalidades do ensino escolar ocidental, cujo sistema se tem revelado inútil para os jovens até aos 18 anos. Segundo o autor, o modelo tradicional da educação, que

ainda subsiste na contemporaneidade, não está a ter qualquer sucesso na educação de massas que se tornou obrigatória, uma vez que o público que as frequentava nada tem que ver com o atual. Neste sentido, o autor defende que é desnecessário continuar a insistir num modelo em que a educação não cumpre com os seus desígnios fundamentais e que são desconsiderados pelos alunos nos vários ciclos de ensino, porque é *facilitista*, tendo em consideração que estes não se esforçam por adquirir as aprendizagens fundamentais. Este modelo educativo, que tem por base um conjunto de métodos de ensino e aprendizagem que privilegia exclusivamente a dimensão cognitiva, mais concretamente a memorização e a reprodução do aluno (da escola tradicional clássica), outrora criticado pelos autores da escola nova, admiravelmente, continua a prevalecer no século XXI, e refere o autor que são aqueles que estão em cargos de poder que nada fazem interinamente, pese embora o facto de continuarem a criticar publicamente tal sistema.

Se é verdade que a sociedade reproduz a mecânica das escolas e as escolas se constituem como um reflexo da realidade social, este ciclo vicioso tem provado que não só tem sido uma missão extremamente angustiante as várias tentativas para se desenvolverem novos modelos educativos que vão ao encontro dos principais desafios e grandes problemas das sociedades atuais e do mundo, como também têm prevalecido dificuldades inéditas em se apresentar uma nova filosofia de educação que capte e oriente os jovens espíritos nas direções certas, sem os facilitismos atuais ou os demagogismos do *politicamente correto*, sem modelos de educação coroados com uma burocracia excessiva, ora radicalmente centrados no professor ou totalmente pendidos nos alunos.

À exceção da aplicação da tecnologia introduzida na sala de aula, parece que a filosofia da educação pouco ou nada se desenvolveu deste século, sendo nesta esteira que Artur Manso propõe que uma educação estética seja contemplada, desenvolvida e implementada na “objetividade lógica do sistema de ensino” contemporâneo, isto é, através da sensação e a emoção, obrigando “a tratar de igual modo” o sentir e o pensamento, a ação e a contemplação.

O terceiro artigo denominado ***Perspetivas Sobre a Educação Democrática e o Ideal Pedagógico no Ensino***, de Vicente Paulino e de Regina Pires de Brito, defende que o ideal pedagógico nos processos de ensino-aprendizagem

deverá alicerçar-se nos princípios essenciais da humanidade e nos valores de desenvolvimento sustentável, tal como o respeito pelo outro, o respeito pela diferença e o reconhecimento da diversidade cultural.

Tendo como pano de fundo a idiossincrasia do sistema educativo de Timor-Leste, ainda muito apoiado nos modelos tradicionais da educação, os autores apresentam o ideal pedagógico de ensino democrático, que deverá pressupor, de acordo com o modelo educativo que esteja em vigor, em primeiro lugar, o entendimento mútuo de todas as partes envolvidas dos processos educativos, em que se inclui o conhecimento prévio do direito dos cidadãos à educação e a garantia da sua representatividade nas tomadas de decisão associadas aos processos de ensino, situação que, na perspetiva dos autores, tem faltado no atual modelo educativo.

Em segundo lugar, dever-se-á ter em consideração o reconhecimento da valorização do esforço físico, intelectual e moral dos professores e demais educadores através da melhoria das suas condições de trabalho em todas as dimensões como a remuneração digna, o tempo de formação continuada, o direito a licença anual, o direito a subsídios para a pesquisa e formação, entre outros, situação que falha constantemente em Timor-Leste e não só. Uma educação democrática deverá visar, igualmente, um pilar *extensionista* da educação, que garanta o diálogo e a interação com a comunidade na qual a instituição de ensino esteja inserida, abrindo desta forma as escolas e instituições à comunidade e vice-versa, por forma que os estabelecimentos de ensino e de conhecimento não se tornem ilhas solipsistas no seio das comunidades. Também é errado, segundo os autores, uma educação com o ideal democrático apresentar “um dogma básico do pensamento tecnocrático e economicista, que subordina a educação à lógica do mercado absoluto”, onde se deverá usar, pelo contrário, as ferramentas tecnológicas para a aquisição e partilha do conhecimento, o diálogo intercultural e a defesa da educação ambiental.

O quarto artigo, de Filipe Abraão Couto, denominado *A Filosofia em Timor-Leste – Em Defesa da Criação e Introdução da Disciplina de Filosofia no Ensino Secundário*, defende a necessidade da criação e respetiva

implementação da disciplina de filosofia no ensino secundário de Timor-Leste. Num país onde não vigora a disciplina de filosofia no ensino secundário nem a tradição do pensamento filosófico, o autor tenta demonstrar a importância da filosofia para a nação e para o ser humano em geral, tendo em consideração as competências que os alunos poderão adquirir através desta disciplina, bem como as vantagens que advêm destas competências para o ser humano e para o cidadão. Por fim, o autor tece algumas considerações acerca da natureza dos conteúdos científicos a ministrar na disciplina de filosofia, que deverá ter em consideração não só a universalidade da filosofia e as especificidades culturais do país, como também deverá ter em conta as tradições filosóficas do pensamento asiático.

De seguida, a autora Arminda Fernando Filipe, com o seu artigo denominado ***Ética e Cidadania Para a Construção do Sentido de Humanidade em África***, avança com a premissa *hobbesiana* de que o homem, por natureza, é um “ser violento em potência”. Tendo em consideração de que a atitude e a ação do Homem africano devem estar fundamentadas numa educação ética e social, a educação *Ubuntu*, mais universal, bem como a filosofia do *Ondjango*, de âmbito mais particular, deverão constituir-se como os fundamentos orientadores que, em parceria com as melhores diretrizes da filosofia da educação ocidentais, deverão determinar os modelos de educação para a construção do Homem e o bem-estar dos cidadãos. Neste sentido, a base da ética *Ubuntu*, enquanto princípio ético e teórico da filosofia africana, não só deverá ser alavancada como parte essencial do património imaterial do africano, uma vez que visa afastar o homem da sua animalidade em direção à sua humanidade, como também deverá constituir-se como fundamento da filosofia da educação para o Homem africano.

O sexto artigo, do autor Vasco Neemias, ***A Educação em Angola Diante do Fenómeno Tecnológico***, visa compreender que educação é possível ter quando o mundo parece estar mergulhado no mundo da tecnologia, tendo em consideração a formação integral do homem e o desenvolvimento da sociedade. Se, por um lado, a tecnologia amputou a educação tradicional e estimulou a relativização dos valores, por outro, trouxe, através da educação,

uma oportunidade de tornar o ensino acessível a todos e com ele a transmissão dos valores culturais (africanos e não só) para todos. O autor não só é defensor de uma tecnologia humanista com base em fortes valores éticos, como também considera que a tecnologia deve ser aproveitada para a difusão dos valores africanos que se encontram reprimidos ou esquecidos pelas sociedades modernas.

Por fim, o artigo do autor Roberto Pereira Veras com o título ***Projetando uma Obliteração Neuropsicossocial na Vida Estudantil dos Alunos do Colégio Militar de Brasília*** apresenta-nos um projeto de vida na estrutura do novo ensino médio do Colégio Militar de Brasília – CMB, de formato interdisciplinar, que procura, em todos os momentos, tratar das emoções e da humanidade dos alunos. O autor é apologista de que a proposta do projeto de vida funciona como um regulador de emoções e que os seus resultados apresentam um caráter funcional, catártico e interdisciplinar, criador de pontes e de mais competências nas mais variadas áreas de saber, e que melhor se efetiva na relação entre as áreas de ciências exatas e ciências da natureza com as humanísticas, que tratam das relações em conjunto e com a reflexão existencial das emoções.

De Timor-Leste ao Brasil e de África a Portugal, é possível constatar, através da brilhante contribuição dos textos disponíveis neste n.º 4 da revista *Philorosa*, a preocupação dos autores em procurar mais e melhores vias e projetos para melhorar a educação, apresentando não só os principais problemas universais e transversais da educação, como também soluções que visam enfrentar estes problemas identificados. Sem dúvida, melhorar a educação é procurar elevar o ser humano ao máximo das suas capacidades. No entanto, em pleno século XXI, a elevação do ser humano não se pretende puramente racional ou cognitiva. Por um lado, se o modelo clássico da educação tarda em abandonar as escolas, o ensino facilitado imiscuído neste modelo educativo que ainda continua a imperar neste século está a fazer com que cada vez mais alunos apresentem dificuldades em aprender a ler e a escrever fluentemente, bem como em adquirir competências básicas e fundamentais; se o modelo clássico da educação tarda em abandonar as escolas, é certo que, ao contrário de outros tempos, os códigos de conduta e os valores éticos raramente se traduzem em competências adquiridas

pelos alunos. Se o modelo clássico da educação tarda em abandonar as escolas, o facilitismo escolar está cada vez mais a convidar os alunos a desinteressarem-se da educação, dos seus temas e problemas.

Por outro lado, os modelos de educação totalmente centrados no aluno só farão sentido se tiveram como base uma aprendizagem imersiva dos mesmos nos principais problemas e exigências do mundo, as principais complexidades do eu e da ciência e os grandes mistérios da humanidade e não apenas o convite para passarem de ciclo, ano após ano, ou de terem liberdade para pesquisar e plagiar trabalhos na *internet* para se poder dizer que eles são autónomos nas suas autoaprendizagens ou de terem acompanhamento personalizado dos psicólogos escolares. Como os autores referem nesta revista, muito falta compreender o que se entende por educação, muito falta falar e discutir sobre o que é educação, embora o mais correto é que muito falta compreender o que de melhor o ser humano consegue ser. Tudo aquilo que o ser humano consegue ser e fazer de melhor, no máximo das suas capacidades, compreendendo o corpo e mente, matéria e espírito constitui-se como o grande objetivo da educação universal, cujo saber aproximado e grotesco só poderá ser obtido a partir da reunião da pluralidade dos pontos de vista do Homem a uma escala universal.

A equipa editorial da Revista *Philorosae* agradece o contributo de todos os autores desta revista e a todos os envolvidos, a todos os leitores e simpatizantes por manterem a revista viva, universal, dinâmica, ousada e com ideias e projetos originais.

Filipe Abraão Martins do Couto

filipeabraao27@hotmail.com

revista@philorosae.com

Célia Maria da Silva Oliveira

celiaoliveira4@hotmail.com